

Informática não passava de um sonho

Cláudia Bensimon

Sem computadores, Jânio Quadros precisou de três meses para confirmar que 15 milhões de eleitores tinham depositado nele a esperança de um Brasil melhor. Distante dos *espertos* micros que a indústria nacional produz hoje, o primeiro computador que chegou ao país em 1957 era uma enorme gerin-gonça, cheia de válvulas e painéis lu-minosos, pesando mais de uma tonelada. Nos EUA, um exemplar desse tipo chegou ao mercado em 1953. Mas, para quem não sabe, a semente da indústria, que hoje fatura US\$ 4,5 bilhões, abas-tece 50% do mercado interno, tem mais de um milhão de equipamentos vendidos e oferece variedade de produ-tos igual à dos países avançados, foi

plantada naquele mesmo ano, por um grupo de *cabeças iluminadas* do ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáuti-ca).

O que se colheu da aventura a que se lançaram alunos do último ano de en-genharia do ITA foi o *Zezinho*, um computador capaz de fazer 20 opera-ções. Embora também fosse baseado em válvulas, foi o primeiro totalmen-te projetado no país e serviu de expe-riência para novas pesquisas no setor. Portanto, aos doze anos de idade a jovem indústria de informática brasi-leira vai às urnas com dupla responsa-bilidade: escolher pela primeira vez um presidente e mostrar que, no que se refere à tecnologia da informática, o Brasil deixou a condição de país *peri-férico*, sendo capaz de projetar, produ-zir e comercializar, os computadores e os *softwares* que vão totalizar, em cin-co dias, 82 milhões de votos.

Ainda que longe dos tempos do *Ze-zinho*, foi num rasgo de ousadia e na união de um grupo absolutamente he-terogêneo — comunidade acadêmica, burocracia estatal, setores da esquer-da política e, mais tarde, os militares

que a indústria de informática se desenvolveu no país, desafiando as mais diversas ameaças — internas e externas — que fizeram lembrar as resistências dos EUA e de segmentos comerciais importadores e exportadores da econo-mia brasileira ao processo de industrial-ização do Brasil, especialmente na se-gunda fase do governo Vargas.

Na nefasta década de 80, não há exemplo de indústria que tenha expe-rimentado taxas de crescimento de 30% ao ano, como a informática. Com cerca de 70.000 empregos, a maior parte para mão-de-obra qualificada, foram gera-dos pelas mais de 300 empresas do se-tor. Única política industrial da histó-ria do país votada pelo Congresso Nacional, a informática, dependendo do resultado das urnas, poderá liderar um projeto de desenvolvimento indus-trial mais amplo no Brasil, a exemplo do que acontece em outros países. Esta é uma das formas apontadas para cor-rigir as discrepâncias das políticas ado-tadas no setor de eletrônica brasileiro, reduzindo preços e tornando os benef-ícios da informática acessíveis a maior parcela possível da sociedade.